

O tema que me foi proposto e que aceitei com a honrosa distinção de quem participou do Governo Burity, pretende lembrar o administrador e o político.

Mas advirto (perdôem a indelicadeza da expressão): as obras que espero avultarem deste meu testemunho não se avolumam em pedra e cal, não são as que se destacam no asfalto e no concreto da visão atual. Não ficam interferindo física e facilmente na rotina dos nossos passos, como a construção do aterro e a avenida formando a praia de Intermares; ou destacando-se da paisagem urbana e cultural, como o Espaço Cultural. Ou obras fundamentais ao desenvolvimento, absorvidas pela tendência de crescimento irrevogável do agrupamento humano, como cidades inteiras como Mangabeira; o abastecimento de água até o ano 2010 da Grande João Pessoa; a desobstrução do canal de acesso do Porto de Cabedelo ou a ampliação do Aeroporto Castro Pinto, incluindo-o nas rotas regulares do tráfego aéreo nacional e até internacional.

Estas obras, rapidamente mencionadas, continuam às vistas de todos. Ou se diluem na sucessão de outras grandes obras e gestões, integrando-se no patrimônio comum. E mesmo as que não tiveram consistência fotográfica, como a inclusão do trabalho de mãe e dona de casa na folha de Emergência, iniciativa que contrariava as recomendações da Sudene e do governo federal, têm-se mostrado as mais perduráveis na memória aguda do povo sertanejo.

As obras com que pretendo refrescar as nossas lembranças erigiram-se de atitudes, de posições, de gestos. São obras do comportamento. Obras que efetivamente surpreenderam e continuam surpreendendo, naquele sentido ensinado por Ortega y Gasset de que surpreender, estranhar e até espantar é começar a entender.

Começa pela minha escolha para ser um dos diretores de *A União*. De todos os governadores das minhas relações pessoais, uns até mais íntimos, Burity era o único que não tinha esse compromisso. Nossos caminhos pouco ou nunca haviam se cruzado. Além do mais, ele era um homem rotulado pela esquerda como da direita. E a direita, instrumentalizada pela deduração inexprupulosa e pelos serviços secretos montados em todas as instâncias do poder de então, não me davam o direito de pensar, sequer, numa dessas confianças.

A Universidade excluíra-me dos seus quadros; o meu jornal, *A União*, denunciara-me a uma comissão de investigações instalada por recomendação do aparelho militar para expurgar os quadros estaduais dos elementos suspeitos de comunismo. Os que atingiram o

governo, a partir de então, saídos dos meus círculos ou da minha rotina de trabalho, chegaram cegos e surdos à minha capacidade de trabalho.

Vem Burity e me enxerga, me escolhe. No governo, não apenas liga direto como me trata com respeito. Na continuação, me faz secretário, sem exigir que eu assinasse o livro do partido, a ARENA, como era servidão dos que participavam do poder.

É uma surpresa de caráter pessoal e não será por isso que devo omiti-la.

Ao assumir o governo, ao referir-se à relação com o MDB, que era o único partido consentido de oposição, afirmou que não compreendia democracia sem oposição fiscalizadora e aguerrida, reconhecendo nos parlamentares não só o direito mas o dever, a obrigação de exercitar a crítica como forma de colaborar com o interesse público.

Trenta dias depois da posse, ao fazer um balanço das primeiras iniciativas, declarou-se favorável ao voto do analfabeto, à anistia, que só viria concretizar-se no final de agosto, e às eleições diretas em todos os níveis. O sistema ainda não havia liberado os seus integrantes para esse tipo de posição.

Em 1979, quando o governo encaminha ao congresso um projeto de reformulação partidária, ele defende maior abertura e flexibilização, pois a proposta do governo restringia a arregimentação de novos partidos. Para o governador da Paraíba, a criação de novos partidos deveria ser livre e independente. Uma heresia para o sistema.

Dos problemas locais, o mais agudo, o que chegava a apavorar o meio urbano e o rural, era a Segurança. Matava-se e assaltava-se com uma facilidade de terra de ninguém. Pôs ordem na Polícia, procurou encaminhá-la para o irrestrito respeito à Lei, e acabou com a impunidade de gangues organizadas que comandavam assaltos simultâneos no centro da capital e cometiam assassinatos na beira da praia ou no alto sertão, sem diferenças.

Em outubro de 80, quando começou a esquentar o debate sobre eleições diretas para prefeitos das capitais e governadores, Burity foi dos primeiros a apresentar-se favorável a elas.

Ano seguinte, em entrevista ao Estadão, pede a convocação de uma Constituinte, justificando que mais delicada fora a concessão da Anistia, trazendo de volta os líderes proscritos e, mesmo assim, o regime soube absorver.

Propôs a execução das cartas-programas dos partidos como forma de combate ao clientelismo, defendendo, ao final, a alternância no poder.

Tido como social-democrata, pelo menos estas eram as suas idéias, suas posições desagradavam a forças poderosas do PDSe, por isso, se constituía sempre em pivô de constantes crises.

Ainda assim, seis meses depois de deixar o governo, obteve 173.107 votos, 18 por cento da votação, para deputado federal.

Na Câmara, voltou a defender eleições diretas para Presidente da República, reiterando o discurso inspirado em sentença de Euclides da Cunha, segundo a qual o governo federal deveria estabelecer tratamento diferenciado para o Nordeste.

Não quero dizer, com minhas palavras, mas com a dos autores do Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, da Fundação Getúlio Vargas, de onde transcrevi muita coisa deste relato: “Suas posições políticas de cunho progressista logo o levaram a se integrar ao movimento rebelde “participação”, existente no PDS.

Assim, foi dos primeiros a integrar-se às Diretas-já, advertindo que e a emenda fosse rejeitada haveria frustração absoluta na sociedade brasileira. Contrariou a determinação do partido, o PDS, e votou a favor da emenda, mesmo desconfiando que ele perdesse, como perdeu naquele momento, por falta de 22 votos.

Não precisa lembrar, pela nitidez daqueles dias históricos, o seu voto de 15 de janeiro de 1985, em favor de Trancredo.

Este, o Tarcísio Burity que, desde o primeiro dia de governo, em 79, desmentiu o rótulo que o radicalismo político e de idéias costuma colar nas pessoas. Como vimos, foi preciso um olhar de fora, estranho aos preconceitos da nossa circunstância, para identificar nestas atitudes e posições a atuação de um progressista.

Volta ao governo em 87, numa situação inteiramente oposta, restituídas as liberdades, reencontrada a Democracia, mas o país vivendo uma das mais difíceis crises econômico-financeiras dos tempos modernos, agravada de forma ainda mais crucial com a situação de completa submissão dos estados nordestinos aos rumos do Poder Central, numa hora em que toda a economia passa a se atrelar à ordem mundial. Todo o esforço de retomada das vocações econômicas regionais é anulado.

É nesse contexto que os apelos de estados como a Paraíba chegam ridículos aos ouvidos desatinados do governo federal. Os interesses políticos locais, com uma grande facção sequiosa de recuperar o tempo perdido, não compreende a nova circunstância e transfere para o governo do estado todas as suas frustrações. Burity enfrenta o maior dos seus desafios, culminado com traição covarde do governo central, seu aliado, que fecha o Banco do Estado, em situação comprovadamente regular, com o objetivo de mostrar ao FMI sua disposição anti-estatizante. Fechar o Banespa ou o Banerj seria mais difícil.

É preciso considerar, dentro desse conjunto de circunstâncias, que nascia e se impunha uma liderança nova, que para os interesses tradicionais mais conservadores não se fazia muito confiável. Historicamente, são esses interesses contrariados, mostrando outros

pretextos, que terminam em conflitos inconciliáveis, sem contar com uma saída dita salvadora como a de 30 para João Pessoa.

Embora se possa dizer que a política foi o calvário de Burity, a sua grande cena como também a sua tragédia, sem ela, sem o protagonismo do seu espírito, da sua crença nas possibilidades de transformação e aprimoramento do homem, não teríamos incorporado o espírito de suas lições.

Esse espírito veio à tona, há poucos dias, quando assistíamos, mais de vinte anos depois da restauração da Sinfônica, a apresentação máxima da Nona Sinfonia de Beethoven no Teatro Paulo Pontes. Digo máxima por ver todos os espaços tomados, não pelos membros da Academia ou das sociedades musicais que se perdiam na multidão. Mas da juventude maciça de todas as escolas, vindas de carros ou de ônibus, sem distinção de jeans ou de cadeiras, fazendo um imenso coro silencioso a todos os acordes e movimentos da orquestra. Não houve um intervalo, um único, em que esse silêncio atento e febril fosse estrangido. O final apoteótico foi menos da sinfonia com seu grande coro trazido de Manaíra ou de Mandacaru do que da grande platéia de infantes aculturados.

Butity acreditava nessa força de transformação irradiadas pela cultura. E sempre nos surpreendia com esse tipo de lições para as quais a experiência de governo só fez enriquecer.